

G I L
V I C E N T E
C O M P Ê N D I O

COORDENAÇÃO DE
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
E JOSÉ CAMÕES

Coimbra Companions

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
IMPRESA NACIONAL

Introdução

José Augusto Cardoso Bernardes
e José Camões

(Página deixada propositadamente em branco)

O modelo de *compêndio* parece especialmente vocacionado para as *ciências exatas*. Compreende-se que assim seja. Essa tem sido a sua utilidade maior: oferecer a síntese de um saber através do pensamento organizado, colocando à disposição do leitor aquilo que era antes disperso e distante.

Em teoria, os saberes interpretativos não se ajustam tão bem ao esquematismo e à estabilidade que são próprios dos compêndios. Por diferentes motivos, porém, a situação que se tem vivido no ensino e na investigação das humanidades não condiz inteiramente com este pressuposto.

No âmbito dos saberes filológicos (compreendendo estudos linguísticos e literários) podem citar-se, no panorama português, alguns exemplos de um passado recente: *Estilística da Língua Portuguesa*, de Manuel Rodrigues Lapa, editado em 1945, *Estudos de História da Cultura Clássica*, de Maria Helena da Rocha Pereira, cujo primeiro volume surge pela primeira vez em 1965, *História da Literatura Portuguesa*, de Óscar Lopes e António José Saraiva, que aparece em 1959, ou *Teoria da Literatura*, de Vítor Aguiar e Silva, que viu a luz, pela primeira vez, em 1967. As sucessivas reedições foram acompanhadas de alterações de maior ou menor substância. Através desse processo de incorporação contínua, quer por força da evolução do pensamento do autor quer por via do diálogo crítico que este mantinha com o que se publicava, os livros em causa procuravam justamente manter o seu caráter compendial.

Este tipo de obras era ainda complementado pelo modelo da *enciclopédia* ou do *dicionário* especializado. Referimos, mais uma vez a título de

exemplo, o *Dicionário da Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira*, dirigido por Jacinto do Prado Coelho (1973), ou *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa* (1995-2005). Num outro plano, e um pouco mais tarde, viriam a surgir obras que incidiam sobre períodos ou autores, desde o *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, coordenado por Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani (2000), até ao mais recente *Dicionário de Luís de Camões*, sob coordenação de Vítor Aguiar e Silva (2014).

Por motivos de vários tipos, os compêndios parecem ter perdido boa parte da aceitação de que beneficiaram numa determinada época. No âmbito específico dos estudos literários nem sequer se pode dizer que se tenha tratado propriamente de uma substituição geracional, fator que tantas vezes faz ditar as suas leis no seio da Academia.

O declínio parece resultar, em primeiro lugar, da fragmentação que se verificou nesse domínio disciplinar, tornando, desde logo, mais difícil o trabalho de sistematização. A este fator, já de si importante, juntam-se as mudanças que entretanto se verificaram na oferta formativa das faculdades de letras.

Em face desta situação de claro decréscimo de procura, importa que nos interroguemos no sentido de saber se vale ou não a pena persistir neste tipo de iniciativas, sempre exigentes em termos de conceção e de realização.

Verifiquemos, desde logo, que a situação que ocorre em Portugal não coincide com aquela que prevalece em outros países da Europa. Os catálogos editoriais das mais prestigiadas universidades britânicas, por exemplo, não deixaram nunca de incluir compêndios (*companions*) de carácter mais geral, incidindo sobre um determinado período da literatura ou da arte, ou, num registo mais particular, centrados num determinado autor. Continua-se a editar com regularidade compêndios sobre a literatura de qualquer período mas também se encontram disponíveis espessos volumes sobre Shakespeare, Milton, Rabelais, Cervantes e muitos outros.

É nessa linha concreta que se inspira o presente volume dedicado a Gil Vicente.

Ao modelo do epítome sucede o da confluência. O lugar do compêndio é ocupado hoje pela compilação — de áreas do saber, de vozes singulares, de caminhos e práticas, que entre si comunicam. Pareceu aos coordenado-

res da presente obra que, nas circunstâncias atuais, se justificava *convocar* vicentistas dispersos, pedindo a cada um deles uma síntese que resultasse da investigação que vêm desenvolvendo. Na soma desses contributos plurais mas articulados reside o primeiro foco de interesse deste livro.

O que o configura é um estado dos saberes sobre Gil Vicente. Não é um ponto final nem pretende ser. Para além das transformações de substância ou de perspectiva, também se espera que obras deste tipo se transformem em função das necessidades identificadas pelos leitores ou por via da participação de outros vicentistas de diferentes gerações, que se encontram espalhados pelo mundo.

Tomado no seu conjunto, o trabalho que agora se apresenta a público é certamente aperfeiçoável. Apesar disso, atrevemo-nos a acreditar que ele representa um esforço oportuno. Dele se espera, sobretudo, que possa contribuir para a identificação do atual estágio da pesquisa que vem sendo produzida sobre a obra e a figura de Gil Vicente, um dos autores mais importantes, singulares e influentes que até hoje se exprimiram em português e em castelhano.

O presente volume resulta de um projeto conjunto do Centro de Estudos de Teatro e do Centro de Literatura Portuguesa. É um dever e um gosto agradecer aos coordenadores desses dois centros o apoio que prestaram à iniciativa. Do mesmo modo, é devida uma nota de gratidão sincera à Imprensa da Universidade de Coimbra, na pessoa do seu diretor (Doutor Delfim Leão), que acolheu e estimulou a iniciativa desde que ela lhe foi anunciada e, com sincero interesse, soube esperar pela construção deste livro com esperança e paciência solidárias. Por fim, os coordenadores agradecem de forma particularmente sentida aos autores que participam neste projeto. Cada um dos textos que agora se publicam exigiu um elevado esforço de organização e de síntese; em alguns casos, trata-se do resultado transformado de uma investigação já longa, coerente e perseverante; noutros, o investigador foi levado a trilhar caminhos menos percorridos, arriscando e inovando.

Por último, agradecemos ainda a Bruno Henriques, Maria Jorge e Helena Reis Silva, pela ajuda atenta que nos prestaram nos trabalhos de revisão e preparação.

(Página deixada propositadamente em branco)